

EXCLUSÃO E RESISTÊNCIA: (RE)VOZEANDO PRÁTICAS DISCURSIVO-IDENTITÁRIAS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

João Batista da Costa Júnior (UFRN)

joao.batista.junior@ufrn.br

Júlia Dayane Ribeiro da Costa (UFRN)

juliadayane@ufrn.edu.br

Marcos Luan da Silva (UFRN)

marcosluan2014@gmail.com

RESUMO

Investigar vozes de sujeitos marginalizados é potencializar, cada vez mais, o diálogo entre ciência e sociedade, fortalecendo uma construção de conhecimento ancorado na capacidade de problematizar, discutir e (re)desenhar mecanismos que constituem a vida em sociedade, a qual é revestida por questões ideológicas, hegemônicas e por relações de poder. Nesse sentido, esta pesquisa tem por objetivo compreender como os discursos de pessoas em situação de rua constroem traços característicos da identidade coletiva desta população, denunciando a exclusão social e articulando mecanismos de resistência. Para isso, pretende-se explorar, a partir de uma análise discursiva textualmente orientada, os poemas “dia de luta” e “Não somos lixos” de autoria de sujeitos com experiências em situação de rua. A investigação está amparada nos pressupostos teóricos da Linguística Aplicada, no que diz respeito à forma de construção de conhecimento “indisciplinar” e nos estudos da Análise Crítica do Discurso especificamente em sua Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, a qual dialoga com os pressupostos teóricos da Sociologia para a Mudança Social. Os resultados evidenciam uma prática discursiva política, voltada à denúncia de exclusão social. Os textos analisados, a partir de uma prática discursiva de subjetivação, sinalizam um sujeito posicionado em função de uma resistência às condições impostas à população em situação de rua, suscitando uma ação coletiva e organizada, caracterizando, certamente, um traço da identidade coletiva de pessoas em situação de rua.

Palavras-chave:

Identidade. Prática discursiva. Pessoas em situação de rua.

ABSTRACT

Investigating the voices of marginalized subjects is to increasingly enhance the dialogue between science and society, strengthening a construction of knowledge anchored in the ability to problematize, discuss and (re)design mechanisms that constitute life in society, which is covered by questions ideological, hegemonic and by power relations. In this sense, this research aims to understand how the speeches of people living on the streets build characteristic features of the collective identity of this population, denouncing social exclusion and articulating mechanisms of resistance. For this, it is intended to explore, from a textually oriented discursive analysis, the poems “fight day” and “We are not garbage” written by subjects with experiences in

street situations. The investigation is supported by the theoretical assumptions of Applied Linguistics, with regard to the form of “undisciplinary” knowledge construction and in the studies of Critical Discourse Analysis specifically in its Sociological and Communicational Approach to Discourse, which dialogues with the assumptions Sociology theorists for Social Change. The results show a discursive political practice aimed at denouncing social exclusion. The analyzed texts, from a discursive practice of subjectivation, signal a subject positioned as a result of a resistance to the conditions imposed on the homeless population, raising a collective and organized action, characterizing, certainly, a trait of the collective identity of people in a street situation.

Keywords:

Identity. Discursive Practice. Homeless People.

1. Introdução

Pensar em linguagem implica concebê-la como uma prática social, a partir da qual é possível observar as relações de assimetria existentes no corpo da sociedade. Essa concepção estabelece entre linguagem e sociedade uma relação dialética, uma vez que, enquanto a linguagem é constituída socialmente, a sociedade também é constituída pela linguagem (Cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Neste sentido, “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 97). Assim, a manifestação discursiva não se constrói a partir de uma arbitrariedade, mas de um conjunto de interações que concebe discursos intencionais, investidos de relações de poder e de ideologias, embora, muitas vezes, os falantes possam naturalizar seus textos e não perceber as marcantes construções anteriores.

No entanto, a produção discursiva, quando realizada a partir de um olhar reflexivo, pode causar um movimento contrário, comprometida com uma emancipação social, pois “assim como a linguagem pode ser utilizada como recurso para a manutenção de relações exploratórias baseadas em poder, ela pode também ser um recurso potencial para a mudança social” (RESENDE, 2009, p. 86).

Essa possibilidade, portanto, viabiliza a percepção não só da existência de vozes que propagam as assimetrias de poder, mas de vozes que denunciam suas vulnerabilidades sociais, lutando por melhores condições de vida e pela garantia de seus direitos, concebendo um movimento de resistência. É nesse sentido, pois, que Foucault afirma que a resistência

“legítima a capacidade que o sujeito tem de mover-se frente aos desafios e limites impostos pela sociedade, constituindo-se como agente social, capaz de promover mudança e reinventar novas formas de vida, superando, assim, assimetrias sociais” (FOUCAULT, 1995 *apud* COSTA JÚNIOR, 2020, p. 265).

Nesta perspectiva, ao “pensar outras formas de conhecimento e outras questões de pesquisa que sejam responsáveis às práticas sociais em que vivemos” (MOITA LOPES, 2009, p. 19), além de “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p. 14), a presente pesquisa busca compreender como os discursos de pessoas em situação de rua constroem traços característicos da identidade coletiva desta população, denunciando a exclusão social e articulando mecanismos de resistência. Para isso, pretende-se investigar, a partir de uma análise discursiva textualmente orientada (Cf. FAIRCLOUGH, 2001), os poemas “dia de luta” (José Vanilson Torres) e “Não somos lixos” (Carlos Eduardo), sujeitos com experiências em situação de rua.

Portanto, para nortear este estudo, parte-se das seguintes questões: (1) Como os discursos posicionam os sujeitos mediante um enfoque crítico-reflexivo da relação dialética entre linguagem e sociedade? (2) Como a categoria lexical dos textos em análise denuncia a exclusão social e aponta para mecanismos de resistência? (3) De que maneira a construção discursiva analisada constrói traços característicos da identidade coletiva de pessoas em situação de rua?

Ao apontar tais questionamentos, pois, esta pesquisa é capaz de construir conhecimentos sobre os processos de subjetividade que movem esse segmento populacional, diante de um movimento que incita a criação de dispositivos sociais capazes de atenuar a pobreza extrema que enfraquece a sobrevivência dessas pessoas, produzindo uma renarração da vida social, de modo a compreendê-la diante das contribuições teóricas dos estudos da linguagem.

2. *Práticas discursivas de subjetivação e estratégias de resistência*

Ao compreender que “as práticas discursivas não são neutras e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder que provocam diferentes efeitos no mundo social” (FABRÍCIO, 2006, p. 48), é possível conceber a linguagem como

instrumento que contribui para a reprodução e perpetuação de práticas sociais e de ideologias e para a mudança social.

A prática discursiva, neste sentido, não se constitui apenas como denúncia, mas como provocação de uma mudança discursiva, portanto, social, uma vez que, havendo a possibilidade de incitar uma construção discursivamente, também há a possibilidade de desconstrução discursivamente. Se a estrutura social é constituída pela linguagem, moldando-a e restringindo-a, então, molda e restringe também a si. Portanto, a Teoria Social do Discurso, proposta por Norman Fairclough (2001), não visa apenas analisar o papel da linguagem como mecanismo de perpetuação das relações de poder, mas objetiva também projetar o discurso como instrumento capaz de contribuir para a transformação social.

É importante ressaltar, pois, que “não há relação de poder sem resistência” e “toda a relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta” (FOUCAULT, 1995, p. 244-8). Assim, a resistência, por despontar onde há poder, é indissociável das relações deste: ela concebe essas relações e é resultado delas, instituindo-se como uma possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte (Cf. REVEL, 2005).

Faz-se necessário, portanto, a participação ativa dos indivíduos na tomada de decisões nas lutas e nos processos que objetivam a mudança das relações de poder na sociedade, sendo esta participação na reversibilidade de condições de exclusão e marginalidade proveniente das várias práticas de subjetividades. Neste sentido,

Foucault traz para o drama da vida social o papel ativo dos indivíduos mediante a sua capacidade de pensar e agir sobre as condições sociais que fragilizam suas vidas, visando a novas configurações da vida em sociedade que acabam por arregimentar deslocamento de mecanismos e relações de poder. (COSTA JÚNIOR, 2020, p. 266)

Ressalta-se, assim, nesta acepção, o papel do contexto de socialização para que o sujeito legitime as relações de poder amparadas em estratégias de resistências (Cf. FOUCAULT, 1993; 1995; 2004; 2005), uma vez que é na prática das relações sociais que constituem suas identidades diante de suas tensões existenciais. Tal modo de teorizar, portanto, visualiza um âmbito social em constante movimento, constituído por práticas e processos discursivos que, conseqüentemente, contribuem para uma mudança através da (re)inserção de novas identidades sociais e individuais (Cf. COSTA JÚNIOR, 2020).

É neste sentido que a investigação sobre práticas discursivas de subjetivação de pessoas em situação de rua contribui para uma compreensão das múltiplas facetas que constituem a vida desta população, apontando para estratégias de resistência e para a construção de traços característicos de suas identidades coletivas. A investigação aqui realizada, pois, direciona-se às narrativas do “eu”, as quais os sujeitos produzem com o objetivo de esclarecer para si a origem de suas tensões existenciais e as razões de seu mal-estar identitário.

Nesta conjuntura, o indivíduo se firma enquanto sujeito ativo, de ação, pondo em cheque sua convivência social a partir da construção de uma narrativa identitária, permitindo-lhe refletir a respeito de sua existência. Assim, Bajoit (2012) afirma que, em sua elaboração, o indivíduo ativa as capacidades reflexiva e expressiva, agindo sobre as amarras estruturais (sociais e culturais), sobre as suas relações e sobre as suas condutas. Ele, portanto, decide, em parte, o que faz, diz, pensa e o que sente, tornando-se, a partir das narrativas do “eu”, um sujeito de si mesmo.

3. Aspectos metodológicos da pesquisa

Este estudo, situado no âmbito da Linguística Aplicada, atua como uma forma de construção de conhecimento “indisciplinar” (MOITA LOPES, 2006) ou, segundo Pennycook (2006), como “conhecimento transgressivo”. Assim, ao voltar-se ao discurso de pessoas em situação de rua, focalizando a denúncia de exclusão social e estratégias de resistência, é possível transgredir tanto os aspectos políticos quanto os teóricos, uma vez que dispersam os limites do pensamento e das ações tradicionais da sociedade (Cf. PENNYCOOK, 2006).

Para explicitar os aspectos epistemológicos da indisciplinaridade da LA, Moita Lopes (2006) apresenta quatro características que a caracterizam:

- a) A imprescindibilidade de uma LA mestiça, que corresponde, na verdade, à mesma reestruturação interdisciplinar que está ocorrendo em outros campos do conhecimento, de modo a poder dialogar com o mundo contemporâneo;
- b) Uma LA que explore a relação entre teoria e prática, porque é inadequado construir teorias sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais que queremos estudar; mesmo porque no mundo contingências e mudanças velozes em que vivemos a prática está diante da teoria;

c) Uma LA que redescreve o sujeito social ao compreendê-lo como heterogêneo, fragmentado e fluido, historizando-o;

d) LA como área em que ética e poder são pilares cruciais, [...] uma vez que não é possível relativizar todos os significados: há limites éticos que devem nos orientar. (MOITA LOPES, 2006, p. 31)

Neste sentido, um estudo multidisciplinar e entre saberes diferentes se constrói em uma nova prática social e discursiva, colaborativamente se criando novos significados e estratégias discursivas. Assim, considera-se, aqui, a linguagem como uma prática discursiva constituinte da vida social a partir de uma concepção sócio-histórica. Entende-se, portanto, que é o discurso que muda a realidade; ele é seu fundamento e seu eixo.

Desse modo, adotando a perspectiva de Denzin e Lincoln (2006), a presente pesquisa insere-se no terreno do paradigma das pesquisas qualitativo interpretativistas, tendo em vista que considera “a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e as limitações situacionais que influenciam a investigação” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Cabe, pois, o posicionamento crítico dos pesquisadores perante as práticas discursivas como concretizadoras de relações assimétricas de poder, tratando-se, neste sentido, de uma intervenção ética necessária a todo e qualquer analista do discurso, uma vez que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objeto e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

Assim, busca-se analisar os discursos provenientes de pessoas em situação de rua no que diz respeito aos mecanismos de resistência para a construção de traços característicos da identidade coletiva desta população. O *corpus* da pesquisa, portanto, foi constituído pelos poemas “dia de luta”, de José Vanilson Torres; e “Não somos lixos”, de Carlos Educaros, sujeitos com experiência em situação de rua, focalizando as escolhas lexicais que apontam as denúncias de exclusão social e as estratégias de resistência.

Por conseguinte, o processo analítico foi formalizado a partir dos seguintes passos:

- 1) Direcionou-se ao papel das linguagens/do discurso na/para constituição de denúncias de exclusão social, os mecanismos de resistência constituídos discursivamente e o elo entre o papel das linguagens e os

mecanismos de resistência, com foco nos traços característicos da identidade coletiva da população em situação de rua;

2) Reconheceu as áreas de interfaces com a ACD e sua relação com as especificidades desta investigação; 3) Selecionou a categoria lexical para direcionar a análise;

3) Operacionalizo a articulação entre a materialidade linguística e a natureza discursiva e social;

4) Procedeu no olhar perante a categoria estabelecida, construindo sentidos que permeiam as práticas discursivo-identitárias e focalizando aspectos de exclusão social e mecanismos de resistência; 5) Abordou o diálogo entre os sentidos construídos e as questões sociais e culturais que movimentam a construção de identidade coletiva da população em situação de rua.

Para tanto, esta pesquisa ampara-se nos pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso – ACD (Cf. FAIRCLOUGH, 2001), atentando-se para a conexão entre a materialidade linguística e os elementos sociais, constituindo-se, assim, uma análise discursiva textualmente orientada. Para fomentar a análise dentro desta dimensão, tomou-se como categoria analítica as escolhas lexicais evidenciadas no *corpus* desta pesquisa.

Assim, esta investigação assume o caráter interdisciplinar e indisciplinar consolidado na LA.

4. Práticas discursivas de subjetivação: um olhar analítico

Os sujeitos, quando refletem sobre sua condição social e buscam realizar laços de socialização, engajando-se em eventos sociais, potencializam a possibilidade de resistir a práticas discriminatórias e opressoras, o que acarreta, então, em estratégias de resistência. Assim, a partir do estudo das práticas discursivas desse segmento populacional, é possível refletir sobre os significados que permeiam seu estado de vulnerabilidade. Investigar, pois, as narrativas do “eu”, contribui para o acesso a este fenômeno social.

Assim, nesta seção, apresenta-se uma análise crítica a respeito da prática discursiva de subjetivação de sujeitos na posição de situação de rua, ancorando-se em um poema de sua autoria. A análise realizada se situa na abordagem teórica dos Estudos Discursivos Críticos (Cf. FAIR-

CLOUGH, 2001), direcionando-se, especificamente, à categoria lexical, por meio da qual se aponta a denúncia de exclusão social e estratégias de resistência.

O poema “dia de luta”, produzido por José Vanilson Torres, portanto, através do poder simbólico das histórias de vida de pessoas em situação de rua, pode mapear as condições de existência humana desta população. Nesse sentido, passemos à análise do primeiro poema.

Dia de Luta

I

No dia 19 de agosto de 2004
Um triste fato em São Paulo ocorreu
Sete pessoas em situação de rua
Na Praça da Sé morreu

II

Brutal e covardemente
Sem dar nenhuma defesa
Mataram 7 brasileirxs
Que viviam na incerteza

III

Na incerteza de um dia
Que ainda ia raiar
Mas chegaram uns meliantes
Pra suas vidas ceifar

IV

Após aquela macabra noite
Algo começou a finalmente a mudar
Surgiu um Movimento de Rua
Por seus direitos lutar

V

Começou em 2 estados
São Paulo e Minas Gerais
Hoje estamos em 16
Na luta por direitos humanos e sociais

VI

Mas não pensem que é fácil!!!
O massacre infelizmente continua
Quando é negado direitos
A população em situação de rua

VII

Alguns estados conquistaram
Direito ao acesso à saúde, trabalho e habitação
Porém, em outros lugares, inclusive em Natal

É negado até dormir no chão

VIII

Por isso, sigamos em luta
Pois nesse país nada se conquista de graça
Se não temos onde morar
Vamos ocupando as marquises, viadutos e praças

IX

Dia 19 de agosto é o dia
De luta e luto do povo da rua
Nós não iremos desistir jamais!
Sabe por quê??
Porque nossa luta continua...
(José Vanilson Torres da Silva)

Primeiramente, é importante apontar que a temática do poema perpassa uma narrativa característica de um indivíduo em situação de rua. Neste sentido, por ter a ciência de que seu autor é um sujeito pertencente a esta população, é possível inferir que o eu discursivo assumiu uma condição de existência do próprio autor, fornecendo uma narrativa do “eu”.

O poema já se inicia focalizando uma denúncia de exclusão social, ao relatar o assassinato de sete moradores de rua em São Paulo, no dia 19 de agosto de 2004. Sofrer discriminação, violência, preconceito e sobreviver com as condições mínimas necessárias são elementos que representam uma vida à margem do sistema, constituída por rupturas de vínculos sociais, de laços e de relações de afeto (Cf. NASCIMENTO, 2003).

Assim, os advérbios de modo “brutal” e “covardemente”, que sinalizam a maneira como esses moradores foram mortos, denunciam a violência e a vulnerabilidade que acometem esta população, percepção reforçada pela construção adverbial “sem dar nenhuma defesa”, além da locução adverbial “na incerteza”, que destaca a dubiedade da sobrevivência de indivíduos nesta condição.

No entanto, tal denúncia realizada pelo sujeito gera uma postura de resistência, que revela “a vontade, a determinação, de não se curvar diante do desafio, de crescer à altura das forças que se colocam no seu caminho” (RAJAGOPALAN, 2002, p. 204), cria relações de poder (Cf. FOUCAULT, 1995) e culmina num caminho de transformação (Cf. REVEL, 2005). Ao relatar o episódio do assassinato, o sujeito relata que

este foi um elemento crucial para o despertar para a mudança: “Após aquela macabra noite/ Algo começou finalmente a mudar”.

O fato, portanto, foi um marco para o despontar de um movimento de resistência organizado, o Movimento de Rua. Assim, ao incitar tal criação, o episódio foi capaz de agenciar uma luta. Processos materiais como “direitos humanos e sociais” e “lutar” (este, inclusive, perpassando todo o poema) apontam para a mobilização de estratégias de resistência, as quais objetivam, coletivamente, construir forças contra-hegemônicas. Neste ponto não só do poema, mas da narrativa de subjetivação coletiva de moradores de rua, é reconhecida a existência de direitos fundamentais a esta população e a sua capacidade de se articular em prol deste objetivo em comum.

Posteriormente, segue-se em reflexão sobre a inserção de tal luta organizada. O sujeito expõe sua adoção coletiva “Começou em 2 estados/ São Paulo e Minas Gerais/ Hoje estamos em 16”, mas também expõe as dificuldades enfrentadas, principalmente pelo não reconhecimento da necessidade desses direitos. É citado, por exemplo, tal realidade em Natal/RN, onde é “negado até dormir no chão”.

Por fim, ao utilizar a conjunção conclusiva “por isso”, o sujeito, além de concluir o poema, conclui que é exatamente devido a tais enfrentamentos que a luta deve continuar. Ele, portanto, agencia a luta e recruta os demais para permanecer nela, configurando-se como um posicionamento imprescindível, uma vez que “esses sujeitos precisam ser protagonistas do processo de transformação social, objetivando vivenciar uma sociabilidade justa e igualitária” (ALMEIDA *et al.*, 2015, p. 170). Esta tomada de decisão, pois, é evidenciada na utilização de construções verbais imperativas “sigamos” e “vamos ocupando”.

Diante da análise realizada, pode-se visualizar que o poema Dia de Luta, a partir de uma prática discursiva de subjetivação, sinaliza, por meio dos processos materiais destacados, um sujeito posicionado em função de uma resistência às condições impostas a esta população, suscitando uma ação coletiva e organizada, caracterizando, certamente, um traço da identidade coletiva desta população.

Na sequência, faremos a análise do poema “Não somos lixos”. Nesse sentido, vejamos o texto e os apontamentos crítico-discursivos.

“Não somos lixo” faz uso, antes de tudo, de denúncias. A flexão verbal “somos” referido no título é a forma conjugada do verbo **ser**, cuja

funcionalidade marca a inclusão de outros sujeitos, mostrando, assim, uma coletividade, outras pessoas em situação de vulnerabilidade social e denegação de direitos.

O poema se constitui de 24 versos, no entanto, não será feita uma análise quanto à estrutura dos versos; rima, brando, etc., mas apenas pela divisão de versos, podendo, dessa forma, fazer uma numeração como a que será mostrada a seguir como meio facilitador da análise.

- Não somos lixos
01 - Não somos lixo.
02 - Não somos lixo e nem bicho.
03 - Somos humanos.
04 - Se na rua estamos é porque nos desencontramos.
05 - Não somos bicho e nem lixo.
06 - Nós somos anjos, não somos o mal.
07 - Nós somos arcanjos no juízo final.
08 - Nós pensamos e agimos, calamos e gritamos.
09 - Ouvimos o silêncio cortante dos que afirmam serem santos.
10 - Não somos lixo.
11 - Será que temos alegria? Às vezes sim...
12 - Temos com certeza o pranto, a embriaguez,
13 - A lucidez dos sonhos da filosofia.
14 - Não somos profanos, somos humanos.
15 - Somos filósofos que escrevem
16 - Suas memórias nos universos diversos urbanos.
17 - A selva capitalista joga seus chacais sobre nós.
18 - Não somos bicho nem lixo, temos voz.
19 - Por dentro da caótica selva, somos vistos como fantasmas.
20 - Existem aqueles que se assustam.
21 - Não somos mortos, estamos vivos.
22 - Andamos em labirintos.
23 - Depende de nossos instintos.
24 - Somos humanos nas ruas, não somos lixo.

(Carlos Eduardo)

Os três primeiros versos “Não somos lixo” (01), “Não somos lixo e nem bicho” (02) e “Somos humanos” (03) marcam um posicionamento discursivo que caracteriza o sujeito do “Eu”, em “somos”, uma denúncia da situação na qual se encontram as pessoas em situação de rua e como são tratadas socialmente.

Vale salientar também que os primeiros versos do poema demarcam uma postura de resistência, pois, conforme Fairclough (2001), essa prática discursiva se reveste de uma atitude política e ideologicamente de posicionamento contrário ao senso comum mediante essa visão crítico-reflexiva da realidade sociocultural que atravessa as condições de vida de pessoas em situação de rua.

Outro aspecto, no verso 02 “Não somos lixos e nem bicho”, é que, além de ratificar o verso seguinte (03), que fora abordado também como uma visão de inutilidade, pontua inicialmente que as pessoas em situação de rua são vistas como uma das poucas visibilidades que conseguem, infelizmente, de forma negativa e pejorativa: bichos. Sendo assim, a reiteração que faz no verso seguinte com “Somos humanos (03)” demarca a banalidade de tal comparação, de um processo de desumanização.

O 4º verso do poema, por consequência, é uma explicação para as pessoas, de certo modo, dizendo o porquê da atual situação: “Se na rua estamos é porque nos desencontramos. (04)”. Esse desencontro situa o momento, o qual pode ter ocorrido de muitas formas. No entanto, aponta uma reflexão que vai na direção de se libertar dessa condição, são pessoas que esperam a possibilidade de sair de situação de morador de rua, a fim de ganhar oportunidades que permitam sair das ruas, pois vivem em condição de exclusão, sofrem ações opressivas e são afetados por práticas discriminatórias (Cf. COSTA JÚNIOR, 2020).

O 5º verso faz uma inversão de termos, “Não somos bicho e nem lixo (05)”, ratificando o 4º verso, contudo, o termo “bicho” é posto como principal, justamente por causa do que havia elencado no verso anterior. Portanto, de ideia semelhante ao 3º verso, de denúncia análoga, de modo que o empoderamento potencializa a capacidade de autonomia dos indivíduos, permitindo-lhes (re)significar suas relações sociais (Cf. COSTA JÚNIOR, 2020).

Já os versos “Nós somos anjos, não somos o mal (06)” e “Nós somos arcanjos no juízo final (07)” mostram uma prática discursiva que tenta quebra a representação identitária que geralmente se aponta para pessoas em situação de rua, posto que são comumente são sujeitos representados no imaginário popular como maus, pessoas que não são passíveis de confiança, por isso o “não somos mal”. Segundo Foucault, é possível que os limites entre os ambientes e as práticas sejam tão naturalizados, de forma que uma parcela da população pense assim. Com isso, Cadu (Carlos Eduardo) escreve o caminho oposto a isso que é pensado.

O 8º e 9º versos, “Nós pensamos e agimos, calamos e gritamos (08)”, “Ouvimos o silêncio cortante dos que afirmam serem santos (09)”, denunciam o silêncio que são submetidos, de forma que suas vozes não são ouvidas, Por isso, Cadu demonstra no discurso que eles também pensam, não é porque estão nessa situação que não possuem vozes, não

têm anseios, nem tampouco angústias. Porém, percebe que as pessoas não o querem ouvi-los. Em “Ouvimos o silêncio cortante dos que afirmam serem santos” é uma denúncia às faltas de políticas públicas para que possam sair dessa situação, porque por mais que gritem o silêncio os cortam.

Outrossim, esses que afirmam serem santos são, possivelmente, políticos das esferas de poder, sejam municipal, estadual ou federal. Toda essa constatação revelada pode ser comprovada por meio das narrativas do “eu” (Costa Júnior, 2020), embora, na demarcação do discurso esse “eu” torne-se um “nós” (somos).

O 10º, “Não somos lixo (10)”, retoma a ideia do 1º, “Não somos lixo (01).”.

Os versos 11º, 12º e 13º se complementam, trazendo a ideia de estado, seja ele de felicidade, tristeza, lucidez ou a falta dela. Desse modo, temos “Será que temos alegria? Às vezes sim (11)”, “Temos com certeza o pranto, a embriaguez (12)”, “A lucidez dos sonhos da filosofia (13)”, marcando alguns pontos de estados, do “eu” da narrativa – do ‘somos’ - em diferentes meios de demonstração de identidade, da questão humana do ser.

O verso 14º “Não somos profanos, somos humanos (14)” ratifica a ideia do ser em questão do coletivo já debatida. Porém, há um novo elemento dentro do discurso: o religioso. Faz uso da palavra “profano” para marcá-lo, mas, nesse caso, o é feito por uma negativa. Posto que o “não somos profanos” demarca uma ligação religiosa, não é citado qual, mas não se categorizam como descrentes, inserindo-se no que há de mais tradicional (comum) na sociedade brasileira, dispositivos: ditos e interditos, proposições morais, discurso religioso, valores de normatização (Cf. FOUCAULT *apud* AGAMBEN, 2009) para assim, se mostrarem como iguais, não apenas como humanos, mas semelhante também no subjetivo, na moral.

O 15º e o 16º, “Somos filósofos que escrevem (15)” e “Suas memórias nos universos diversos urbanos (16º)” são encadeamentos, os quais retratam por onde falam. Como dito “que escrevem (15)” em “universos diversos urbanos (16)”, situando o local o qual, por esses infortúnios da vida habitam. O texto (discurso) tem articulação com valores extraverbiais, não sendo possível deixar de se considerar a presença das outras vozes, escrevendo nos espaços por onde passam, deixando suas memórias.

As cidades urbanas com seu modo de vida acelerado e dinâmico, fazem com que pessoas em situação de rua encontrem-se em locais concentrados de pessoas para conseguirem (ou tentarem) serem vistos por alguém. O 17º verso do poema, “A selva capitalista joga seus chacais sobre nós (17)”, mostra essa visão de terem apenas migalhas.

Essa análise se constitui apenas de algumas possibilidades de olhar discursivamente para o poema e perceber o quanto ele é revelador da exclusão social por que passam esses sujeitos.

5. *Considerações finais*

Por constituir-se no seio da sociedade, a linguagem é constituída de todas as dimensões da estrutura social, como normas, convenções, relações, identidades e as próprias instituições que as alicerçam. Consequentemente, a prática discursiva é também uma prática política, constituída ideologicamente, sendo capaz de perpetuar, naturalizar ou transformar as relações de poder e as entidades coletivas (classe, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder.

Assim, a prática política e a ideológica são interdependentes, uma vez que a ideologia surge em razão de significados concebidos em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder (Cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Neste sentido, ao objetivar compreender quem é o sujeito em situação de rua, este estudo se direciona à reflexão de como este se posiciona discursivamente, apontando um cenário de exclusão social e como cria mecanismos de resistência. Pode-se perceber, pois, que os textos analisados, a partir de uma prática discursiva de subjetivação, sinalizam, por meio dos processos materiais destacados, sujeitos posicionados em função de uma resistência às condições impostas a esta população, suscitando uma ação coletiva e organizada, caracterizando, certamente, um traço da identidade coletiva de pessoas em situação.

Esta investigação, portanto, considera que a análise crítico-discursiva das narrativas do “eu” é capaz de fortalecer uma agenda científica de Estudos da Linguagem, objetivando a construção de conhecimentos sobre linguagem/discurso e sociedade, especificamente em relação a práticas discursivas associadas ao fenômeno social população em situação de rua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Hellen Tattyanne de *et al.* O centro de referência em direitos humanos e a população em situação de rua de Natal-RN: a luta dos (in)visíveis urbanos. In: PAIVA, I.L. *et al.* (Org.). *Direitos humanos e práxis: experiências do CRDH/RN*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 151-75

BAJOIT, Guy. *Tudo Muda: proposta teórica e análise da mudança socio-cultural nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Ijuí: Unijuí, 2012.

CHIZZOTTI, A. *A pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA JÚNIOR, João Batista da. Narrativas do “eu” em práticas discursivas de subjetivação: resistência, emancipação e empoderamento de pessoas em situação de rua. In: OLIVEIRA, R.R.F. de; LOPES, F.M. de S.R. *Diálogos sobre práticas discursivas e letramentos*. Mossoró: Eduern, 2020. p. 259-91

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma linguística indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad. de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.L.; RABINOW, P.M. *Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-49

_____. *Ditos e escritos: arqueologia das ciências humanas e história dos sistemas de pensamento*. V. II. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.

_____. *Verdade e subjetividade*. Lisboa: Cosmos, 1993.

MOITA LOPES, Luís Paulo. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. (Org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24

_____. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

NASCIMENTO, Elimar. Pinheiro. Dos excluídos necessários aos excluídos desnecessários. In: BURSZTYN, M. (Org.). *No meio da rua: nôma-des, excluídos e viradores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 56-87

NOBRE *et al.* (Org.). *Vozes, imagens e resistências nas ruas: a vida pode mais*. Natal: EDUFRN, 2019.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão da ética*. São Paulo: Parábola, 2002.

RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes, 2009.

REVEL, Jacques. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.